



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Centro de Educação- CEDU
Maceió - Alagoas - Brasil

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E SUAS CONTRADIÇÕES:

relatos de experiências de docentes alagoan@s

Iris Maria dos Santos Farias¹ (UFAL)

(iris.farias@cedu.ufal.br)

Maria Aparecida Pereira Viana² (UFAL)

(maria.viana@cedu.ufal.br)

RESUMO:

O período pandêmico da Covid-19 que assolou a população mundial, e necessitou vivenciar o isolamento físico, utilizou-se do apoio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TDIC) para dar continuidade aos trabalhos que estavam sendo realizados presencialmente. Na educação não foi diferente, estudantes e docentes vivenciaram o ensino remoto emergencial como “solução” para a continuidade do ano letivo que estava vigente entre os anos de 2020/2021. A pesquisa constitui-se de estudos desenvolvidos no âmbito do Mestrado em Educação, que visa discutir e analisar os ofícios realizados por docentes da Educação Básica do Estado de Alagoas. A pergunta norteadora do estudo é: qual a concepção dos (as) docentes a respeito do ensino remoto emergencial? Objetiva-se trazer à tona a percepção dos docentes perante a prática de aulas remotas para o processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, utiliza-se como aporte metodológico, estudo de caso, ao trazer a perspicácia da atual conjuntura perante a educação brasileira, principalmente, a negligência com os (as) docentes. Busca-se enfatizar as contradições que o ensino remoto emergencial vigorou ao ser bruscamente adotado por diversas instituições educativas e, assim, obrigar os (as) docentes realizarem as preleções por meio dos recursos tecnológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Remoto Emergencial. Pandemia Covid-19. Docentes. Tecnologias.

1 INTRODUÇÃO

A desvalorização na educação brasileira é uma discussão que está em pauta, mas ainda não há uma solução evidente que procure viabilizar condições que atendam a sociedade, principalmente os “excluídos”. Parte dessa exclusão adentra-se a formação e a prática docente, ao serem desprivilegiados mediante a atual conjuntura. Diante disso, as tecnologias estão sendo implantadas e utilizadas por docentes com o intuito de aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem,

entretanto, ressalta-se que as estratégias em sala de aula passam a exigir do (a) docente competências digitais, pedagógicas e didáticas (MOURA, 2021).

A pandemia da Covid-19, trouxe mudanças e impactos na vida cotidiana, possibilitando ressignificações e incertezas mediante ao caos vivido (SOUZA; ANSELMO, 2021). O atual (des)governo federal brasileiro implicou com a gravidade da doença, sendo constantemente irrisório e truculento, possibilitando, assim, que a sociedade ficasse dividida - entre o que ele falava, o que a ciência ilustrava e os fatos ocorridos - e os (as) governantes elaborassem medidas protetivas na contenção do vírus.

No início da pandemia, umas das cautelas determinadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), foi o distanciamento e isolamento físico, como possibilidade de conter a propagação do vírus. O governo do Estado de Alagoas em respeito e ao cumprimento das respectivas medidas, permitiu que as atividades fossem realizadas por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em diversos setores, inclusive na educação. Na tentativa de minimizar as consequências da suspensão de aulas, muitas instituições optaram pelo ensino remoto emergencial (FARIAS; VIANA, 2022).

Diante dessa realidade, a pergunta norteadora da pesquisa é: qual a concepção dos (as) docentes a respeito do ensino remoto emergencial? Como objetivo geral realça-se destacar a percepção dos docentes acerca da continuidade do ensino remoto emergencial, por meio de suas falas. Propõe-se como objetivos específicos: refletir a educação durante a pandemia; analisar como as tecnologias tornaram-se um apoio fundamental durante as aulas remotas; elencar como as tecnologias contribuíram para a prática docente enquanto durou o ensino remoto.

No percurso metodológico, obtém-se a pesquisa qualitativa, baseando-se em um estudo bibliográfico e uma pesquisa de estudo de caso, no qual busca investigar “um fenômeno do mundo real e assumir que esse entendimento provavelmente englobe importantes condições contextuais pertinentes ao seu caso” (YIN, 2015, p.17).

O estudo está sendo realizado com docentes da Educação Básica de rede pública do estado de Alagoas do município de Maceió, utilizando-se a entrevista por meio da ferramenta do *Google Meet*, como parte de desenvolvimento da pesquisa em andamento.

A razão pela escolha desse instrumento se deu por estarmos vivendo um momento crítico da pandemia e não ser possível o contato pessoal com os (as) participantes da pesquisa. É importante ressaltar, que para o respectivo artigo está sendo analisada uma pequena amostra do que está sendo pesquisado, apresentando relatos de dois docentes a respeito da continuidade do ensino remoto.

2 PANDEMIA E EDUCAÇÃO

O vírus Sars-Cov-2, causador da pandemia Covid-19, modificou as relações sociais, restringindo-se a circulação de pessoas e funcionamento de alguns locais públicos, inclusive instituições educativas, com o intuito de conter a propagação do vírus. Dentre as alternativas de contenção da disseminação do vírus, houve a migração do ensino presencial para o ensino remoto emergencial com o apoio das TDIC (DUARTE et al. 2022). De acordo com Alves (2020, p.352) o Ensino Remoto pode ser caracterizado como:

Práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais, como aplicativos com os conteúdos, tarefas, notificações e/ou plataformas síncronas e assíncronas como o *Teams* (Microsoft), *Google Class*, *Google Meet*, *Zoom* (GOMES, 2020), essas últimas entrando em uma competição acirrada para ver quem consegue pegar a maior fatia do mercado.

Entretanto, além desses recursos elencados na citação, há instituições que adotaram do uso do aplicativo *WhatsApp* e materiais impressos para aqueles estudantes que não tinham como assistir as aulas síncronas “e outros aplicativos para a realização e edição de vídeos, a dedicação de professores pelo aprimoramento de conhecimentos que beneficiem a educação é cada vez maior” (ANDRADE; MARIANO, 2021, p.131). É importante considerar, que os docentes foram os grandes protagonistas ao desenvolver suas preleções em um novo ambiente de sala de aula, mesmo com a sobrecarga exigida por parte das instituições.

Portanto, observa-se que a educação nesse contexto se tornou evidente o quanto foi difícil ensinar durante as aulas remotas. A educação brasileira há anos passa por entraves, desigualdades, retrocessos e avanços, principalmente nos aspectos sociais, formativos, legislativos e normativos na tentativa por uma educação de qualidade (FERREIRA; NOGUEIRA, MONTEIRO, 2021). Durante a situação crítica

da pandemia, diversos estudantes (principalmente da rede pública) ficaram prejudicados por não terem acesso ou condições de participarem das aulas síncronas.

Porém, de acordo com a legislação brasileira, Lei nº 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - configura-se que a educação é um direito de todos (as) e é dever do Estado e da família. Contudo, durante a pandemia, com a necessidade do distanciamento e isolamento social, foi notório que a educação não foi respeitada tampouco assegurada. A desigualdade social foi nitidamente patenteada e, mais uma vez, o ofício dos (as) docentes (principalmente da educação básica) desvalorizado.

3 AS TECNOLOGIAS E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

As tecnologias são recursos comumente utilizados pela sociedade, sendo analógicas ou digitais. Mediante as transformações que vêm ocorrendo, as Tecnologias Digitais (TD) estão sendo cruciais para comunicação e informação. A esse respeito Lima; Farias; Viana, 2022, p. 440, afirmam:

Desde o início do presente século, as tendências tecnológicas vêm ocupando diversos espaços na sociedade, moldando a maneira comunicativa, principalmente, entre os mais jovens. Com a chegada da *web 2.0*, iniciam-se as novas formas de interagir, agregando-se aos recursos que facilitam tanto a comunicação quanto a disseminação de informações e autorias, tornando-se fundamentais na atualidade, principalmente na educação.

A interação é algo que está intrinsecamente presente no contexto social, estabelecendo, assim, a relação do ser humano em seu meio de comunicação. No ambiente social e formativo, a interação é um elemento fundamental, a qual busca-se envolver a participação, diálogo, reciprocidade podendo tornar a aprendizagem colaborativa (FARIAS; VIANA, COSTA, 2022).

Nessa perspectiva, a interatividade - que está voltada a utilização de recursos tecnológicos - procura ampliar e desenvolver a liberdade de autorias que possam usufruir de ferramentas e de atividades perante a mediação didática a ser aperfeiçoada frente ao engajamento que venha a ser proporcionado (FARIAS; VIANA, COSTA, 2022).

Desse modo, sabe-se que as tecnologias foram fundamentais durante as preleções realizadas no ensino remoto. Porém, é válido destacar que houve docentes que tinham facilidades em manusear os recursos, possibilitando, assim, estratégias que vigorasse a interatividade, aulas mais dinâmicas e criativas, enquanto outros (as) que repetiram o trabalho exercido durante as aulas presenciais, como um espaço monótono e transmitindo informações/conteúdos, conhecido como “educação bancária” discutido por Paulo Freire (2005).

Com a pandemia da Covid foi necessário repensar estratégias para que as aulas nas instituições não ficassem paradas e não poderiam “prejudicar” os estudantes devido a necessidade do isolamento físico que teve como objetivo conter a propagação do vírus. Sendo assim, foi adotado pelo governo do estado de Alagoas apresentando-se a portaria/SEDUC nº 4.904/2020 que estabelece o Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP) como medidas protetivas à disseminação do coronavírus (COVID-19), e, assim, as preleções poderiam ser realizadas com o apoio das TD na continuidade do ano letivo.

Entretanto, o ensino remoto emergencial revelou as desigualdades sociais existentes no Brasil e outros problemas relacionados a negligência na educação brasileira como: a exclusão tecnológica por parte dos (as) estudantes, a preparação das aulas que atendessem aos (as) estudantes, a preocupação na formação dos (as) docentes na utilização e manuseio das interfaces digitais e todo um trabalho que procurasse promover a participação e colaboração de todos (as) em busca de uma aprendizagem significativa (LIMA; FARIAS; VIANA, 2022).

Na próxima seção, serão apresentados os resultados e discussões frente a percepção do ensino remoto como continuidade, se fosse necessário.

4 O DOCENTE NO ENSINO REMOTO

Devido ao momento atípico convivido durante a pandemia Covid-19, tornando-se necessário isolamento físico, os docentes foram obrigados a mudarem bruscamente sua rotina, o contato com estudantes passou a ser virtual, bem como as aulas foram transpostas do presencial para o ensino remoto, transformando seu domicílio – que antes era de descanso e/ou familiar – em um ambiente de sala de aula.

Durante os anos de 2020/2021, docentes da rede estadual de educação em Alagoas lecionaram por meio do ensino remoto emergencial. Para a apresentação dos dados, foram selecionados dois docentes, os quais passaram pela experiência do respectivo ensino. As entrevistas foram realizadas no ano de 2021, e a identidade dos (as) docentes foram resguardadas, sendo apontados durante as análises, como professor 1 e professor 2.

Uma das questões investigadas refere-se a concepção dos (as) docentes acerca da continuidade das atividades escolares por meio do ensino remoto.

Ao responder a pergunta o professor 1 relatou o seguinte:

Isso foi uma prova. Foi uma experiência. Eu acredito, né?! Com a experiência que a gente tá passando. É mostrar que no Brasil o ensino a distância não funciona. [...] No estado pior ainda, né? Então é seletivo o ensino a distância no Brasil é seletivo, ele vai excluir, os menos favorecidos. Agora, assim, a proposta é boa, porque tipo, o aluno que tem uma certa deficiência física, não consegue se locomover, é a melhor coisa. Você chegar... é cômodo você abrir uma mesinha.

Observa-se a fala do professor 1, no qual fez uma comparação do ensino remoto com o ensino a distância. Entretanto, há autores como Behar (2020); Mattar (2020) não consideram semelhantes. Por outro lado, apesar das diferenças, pode-se enfatizar que ambos adquirem modalidades que podem ser lecionadas remotamente. “Neste momento, surgem diversos termos, tais como EaD, educação virtual, educação domiciliar (*homeschooling*), ensino remoto, educação mediada com TDICs, os quais deixam pais, professores e alunos bastante confusos” (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020, p.13).

A Educação a Distância, por sua vez, atende princípios estabelecidos desde outrora (principalmente, desde os dois últimos séculos passados) que realizam uma comunicação a distância, na qual possibilita o acesso a informação perante os meios que forem apresentados, desde às correspondências às tecnologias digitais. Discordando do docente, a Educação a Distância e/ou o ensino remoto se forem trabalhados na proporção de fornecer a interatividade durante as aulas, podem trazer uma aprendizagem significativa. Por outro lado, é necessário recursos que permitam que os (as) estudantes obtenham acesso às aulas e o (a) docente uma qualificação adequada referente ao uso e manuseio dos recursos em prol do processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Behar (2020), a forma trabalhada e organizada é diferente. Na Educação a Distância (EaD) obtém-se o design educacional “constituído por uma arquitetura pedagógica composta pelos aspectos organizacionais, de conteúdo, metodológicos, tecnológicos e as estratégias pedagógicas a serem empregadas” (BEHAR, 2020), como modelo centrado a alunos, docentes, tutores e gestores como sujeitos da EaD.

Já o Ensino Remoto Emergencial, como o próprio nome já diz, veio a partir da situação emergencial da pandemia covid-19. “O Ensino Remoto foi uma maneira de dar continuidade às aulas que estavam previstas a serem ministradas presencialmente no decorrer do ano letivo de 2020, o que não aconteceu devido à situação pandêmica” (FARIAS; VIANA; COSTA, 2022, p. 568). É importante estabelecer a diferença entre as duas formas de ensino, visto que a primeira tem a legislação definida por meio de decretos e sua contextualização histórica, diferentemente da segunda que surgiu na intenção de conter a propagação do vírus.

Entretanto, o professor 1 salienta o lado bom do ensino remoto emergencial, como a questão da acessibilidade e comodidade, tanto para docentes quanto para discentes. Todavia, nem todos (as) podem usufruir. E complementa: “[...] ... a gente precisa de uma capacitação pra isso também, tem muitos professores que até hoje não sabem usar os meios. E tem meios muito bons”. A formação não precisa necessariamente, esperar por uma pandemia, mas apresentar uma formação que contemple as tecnologias como um suporte em prol do processo de ensino e aprendizagem.

O ensino remoto emergencial, no Brasil especificamente, impactou de diversas formas a sociedade brasileira. A negligência no âmbito da educação, trouxe aspectos negativos tanto para estudantes (os que foram excluídos pelo fato de não ter acesso às aulas síncronas e assíncronas) quanto para docentes que ficaram sobrecarregados com as atividades elaboradas, além de ter que administrar o tempo pessoal. Embora, o ensino remoto esteja no contexto da ubiquidade, sabe-se que a realidade na educação brasileira requer um olhar cauteloso que em possa apresentar uma sensatez por parte dos (as) governantes e, assim, abrilhantar novos horizontes.

A mesma pergunta foi feita para o professor 2 que relatou o seguinte:

Eu acho que o ensino 100% remoto do jeito que está agora, por medidas sanitárias, ela é necessária. [...] Até porque é uma perda muito grande na

questão do convívio social. Os alunos, a gente percebe que os alunos precisam desse contato, o aluno não sabe, mas ele precisa desse convívio. Ele acha ruim, se sente aprisionado às vezes, a gente conhece muito relato de alunos que reclamam da questão escolar, mas eles precisam. É uma questão de formação, de personalidade, de caráter, estar envolvido nisso aí.

A partir da fala do docente, salienta-se que o ensino remoto é uma maneira que pode ser utilizada em caso emergencial, como ocorreu no momento crítico da pandemia. Ele enfatiza que os alunos foram os mais prejudicados não somente durante o processo de ensino e aprendizagem, como também a questão da convivência social que é fundamental para a sua formação.

Desse modo, considera-se que as tecnologias estreitaram as comunicações, além de poderem facilitar a interatividade e a transmissão de conteúdos durante o período de aulas remotas. Porém, não há tecnologia que substitua o que é construído no presencial. De acordo com Farias; Viana, Costa (2022, p.576) “nota-se que o uso das tecnologias como instrumento educativo ainda é um grande desafio a ser contornado, além de que elas não poderem substituir o que é vivenciado presencialmente, pois são momentos ímpares no espaço educativo”.

Contudo, é importante enfatizar que as tecnologias potencializam a didática do ensino, porém, é necessário repensar estratégias que visem atender a todos (as) de forma igualitária e com qualidade. O ensino remoto emergencial, tentou amenizar os impactos da suspensão de aulas presenciais, entretanto provocou um leque de dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, exclusão social e socialização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, é notório observar como as tecnologias fazem-se presentes no dia a dia da sociedade. O que antes era utilizado como uso pessoal, com a pandemia esses recursos tornaram-se essenciais para o campo profissional, sendo cruciais, principalmente, na facilitação da comunicação.

Na educação, o que pôde ser visto e discutido é que a utilização de recursos tecnológicos digitais, antes já era algo desafiador nas instituições públicas, pois já havia uma carência na manutenção dos equipamentos, uso da internet e a rejeição para os (as) docentes que não tinham muita afinidade ao manusear os recursos em

prol do processo de ensino e aprendizagem. Com a adoção do ensino remoto emergencial, tornou-se algo complexo de ser trabalhado.

O Ensino Remoto Emergencial trabalhado durante a pandemia, trouxe aspectos positivos e negativos no âmbito da educação. Pensa-se no positivo quando relacionado a possibilidade de manter contatos entre docentes e estudantes durante as aulas síncronas ou assíncronas, como também a quem tem necessidade de apoio de acessibilidade e a comodidade perpassada diariamente vivenciada no presencial.

Entretanto, no aspecto negativo, é que no Brasil há inúmeras pessoas que não possuem acesso aos recursos tecnológicos, e isso dificulta, perante a realidade daqueles estudantes que se enquadram no perfil antagônico da educação e o que está vigente na lei da Constituição Federal. Pode-se afirmar que a pandemia reconfigurou o processo de ensino?

A pandemia, deixou explícito o que precisa ser ressignificado mediante ao sistema de ensino brasileiro. Se por um lado, há docentes que se debruçaram perante as aulas do ensino remoto emergencial, sem experiências, formação, apoios e outras demandas que passaram a exigir dos (as) docentes. Por outro, passaram a pensar em como seria para atender o público de estudantes excluídos, quando de fato não puderam assistir as aulas e a questão da convivência social que foi prejudicada nesse período.

Portanto, é preciso debater-se mediante a realidade educacional brasileira. Não há tanto tempo que o isolamento físico foi necessário. Mas, ao que parece é que o ensino remoto emergencial praticamente não existiu. Há docentes e estudantes que ainda sentem o impacto que foi provocado, quando obrigou muitos docentes a lecionarem por meio dessa maneira de lecionar, numa mudança brusca.

Destarte a isso, é importante destacar que os (as) docentes foram os profissionais que fizeram uma grande diferença no âmbito da educação e, no ensino remoto principalmente. São necessárias políticas públicas que atendam e reconheçam a valorização dos respectivos profissionais, como também dar uma visibilidade ao público estudantil (principalmente da rede pública de ensino) ao criar possibilidades futuras na tentativa em estabelecer equidades na educação brasileira.

Portanto, o respectivo estudo procura ampliar discussões diante do caos vivido durante a situação crítica da pandemia, mediante a adoção do ensino remoto emergencial. É um momento oportuno para reflexão e discussão local, frente a inclusão digital como recurso didático. Apresentando o modelo de ensino em que atenda às reais necessidades dos (as) estudantes, de acordo com os direitos e deveres previstos na Constituição Federal. Além disso, obter apoios de governos e gestores em orientar docentes, que visibilizes não só a sua formação, a qual não ocorra de maneira aligeirada, mas sim integrada às constantes mudanças contemporâneas.

6 REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Secretaria do Estado da Educação (SEDUC). Portaria/SEDUC Nº4.904/2020. Estabelece o regime especial de atividades escolares não presenciais nas Unidades de Ensino da Rede Pública Estadual de Alagoas, como parte das medidas preventivas à disseminação do Coronavírus (COVID-19). **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 2020.

ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 348–365, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 9 out. 2022.

ANDRADE, Regiane Cardoso de.; MARIANO, Daniela Paula da Silva. Reflexões acerca do ensino remoto e sua inclusão na rede pública. *In*: LACERDA, Tiago Eurico de; JUNIOR, Raul Greco (org.). **Educação remota em tempos de pandemia: ensinar, aprender e ressignificar a educação**. Curitiba: Editora Bagai, 2021. E-book. cap. 10, p. 126 – 132.

BEHAR, P. A. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. **Jornal da Universidade UFRGS**, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 1 - 1, 02 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em 29 jan. 2022.

DUARTE, Amanda S. et al. “Meus professores” no ensino remoto: saberes e espaços escolares em publicações no Twitter. **Revista Letra Magna**, 18 (29), p. 97-106, 2022. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/article/view/1996/1266>. Acesso em: 20 jul. 2022.

FARIAS, Iris Maria dos Santos; VIANA, Maria Aparecida Pereira. Ensino remoto e o trabalho docente: uma discussão contextualizada. *In*: III Congresso Internacional da

Educação, 2021, Itabaiana-SE. **Anais eletrônicos** [...] São Cristóvão – SE: Editora UFS, 2022. p. 211 – 222. Disponível em: <https://coneducufs.net/wp-content/uploads/2022/05/Anais-CONEduc.pdf>. Acesso em: 8 out. 2022.

FARIAS, Iris Maria dos Santos; VIANA, Maria Aparecida Pereira; COSTA, Cleide Jane de Sá. Ensino remoto: relato de experiências da interação em contexto digital. **Pesquisaeduca**, v.14, n.34, p.564-581, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1249/1043>. Acesso em: 11 out. 2022.

FERREIRA, Marinalva da Silva.; NOGUEIRA, Edilma Bandeira de Araújo.; MONTEIRO, Karla Bianca Freitas. O ensino remoto: percepções de professores e famílias de crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Imperatriz/MA. *In*: LACERDA, Tiago Eurico de; JUNIOR, Raul Greco (org.). **Educação remota em tempos de pandemia: ensinar, aprender e ressignificar a educação**. Curitiba: Editora Bagai, 2021. E-book. cap.4, p. 51 – 63.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Educação a Distância ou Atividade Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n.7, 2020. p. 1-29.

LIMA, Willams dos Santos Rodrigues.; FARIAS, Iris Maria dos Santos.; VIANA, Maria Aparecida Pereira. Formação docente e as TDIC no processo ensino e aprendizagem: recursos e estratégias para a educação online. **Revista Docência e Cibercultura – ReDoC**, Rio de Janeiro, v.6, n.5, p. 439 – 457, 2022. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/65485/pdf>. Acesso em: 11 out. 2022.

MOURA, Adelina. O professor criador de experiências educacionais mediadas por tecnologias digitais na cibercultura. **Revista Docência e Cibercultura – ReDoC**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 51-73, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/60475/40375>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SOUZA, Leticia Oliveira de.; ANSELMO, Katyanna de Brito. Educação remota à luz de Paulo Freire: intensificação da exclusão. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre, Bookman, 2015.